

## ARIEL DE RODÓ COMO FORÇA PRÓ-AÇÃO

Renata Baldin Maciel\*<sup>1</sup>  
Carlos Enrique Armani\*<sup>2</sup>

**Resumo:** As questões tratadas nesse artigo são resultado da pesquisa realizada em minha Dissertação de Mestrado financiada pela FAPERGS/CAPES defendida em 2014 no PPGH da Universidade Federal de Santa Maria, RS. Atualmente essas discussões foram ampliadas em meu Doutorado realizado na mesma Instituição citada anteriormente, contando com o financiamento da CAPES<sup>3</sup>. Portanto, nesse artigo serão abordados alguns elementos acerca do pensamento de José Enrique Rodó (1871-1917), intelectual uruguaio que destacou-se como ensaísta, crítico, jornalista, político e conquistou projeção internacional, nos países hispano-falantes, após a publicação de *Ariel* (1900). Esta obra lançou muitas ideias que foram basilares para compreensão dos acontecimentos políticos, sociais e culturais do final do século XIX e início do século XX com os quais Rodó esteve envolvido, especialmente aqueles atrelados a figura de José Batlle y Ordóñez, ao Modernismo e a Geração do 900. Suas ideias serviram como força pró-ação para que os indivíduos lutassem para modificar a realidade em que estavam inseridos, especialmente visando combater o imperialismo das nações mais poderosas, como, por exemplo, os Estados Unidos, sobre os demais países latino-americanos. O principal legado deixado por Rodó foi o movimento conhecido como arielismo, o qual constituiu, segundo Devés-Valdés (2007:61) “uma das redes intelectuais mais importantes do século XX latino-americano”. Dessa forma, o objetivo desse artigo é discutir algumas das principais ideias de Ariel e como estavam atreladas ao contexto de lutas e revoltas no período.

**Palavras-chave:** José Enrique Rodó, América Latina. Intelectuais

### Introdução

*Ariel* (1900) foi uma obra destinada aos jovens, pois Rodó acreditava que somente eles poderiam realizar as modificações necessárias para que a América Latina, no futuro, atingisse o progresso necessário. Aos jovens foi dada a tarefa de realizar as ações que pudessem implementar o projeto rodoniano para a América Latina. Ao tratar

---

<sup>1</sup> **Autora.** Mestra em História pela Universidade Federal de Santa Maria – RS, Brasil. Atualmente, é Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da UFSM; bolsista CAPES. Contato pelo e-mail: renatabmaciel@gmail.com

<sup>2</sup> **Orientador.** Doutor em História; Pós-doutorado em Teoria e Filosofia da História. Atualmente é professor Adjunto dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>3</sup> Essas discussões também fazem parte do Projeto de Pesquisa História Intelectual e Processos de Identificação Cultural e do Grupo de Pesquisa História Intelectual nos Séculos 19 e 20: Filosofia, Cultura, Política, coordenado pelo Prof<sup>o</sup> Dr. Carlos Henrique Armani.

das problemáticas de sua época, como o utilitarismo, o imperialismo e a própria identidade latino-americana, Rodó foi demonstrando como isso estava atrelado a alguns exteriores constitutivos, que foram explorados em sua narrativa histórica a partir da utilização dos personagens shakesperianos Ariel, Próspero e Caliban.

Nesse sentido, enquanto força pró-ação, *Ariel* (1900) apresenta alguns eixos temáticos principais como, por exemplo, um contexto de referência voltado para os acontecimentos políticos, sociais e culturais do final do século XIX e início do século XX e os modelos civilizacionais em disputa que compuseram sua narrativa, enquanto exteriores constitutivos.

### **A ação voltada para mudanças na América Latina a partir do contexto de referência e dos exteriores constitutivos**

Quanto ao primeiro item temos como pano de fundo a figura de José Batlle y Ordóñez, o *Partido Colorado*, a Geração do 900 e o Modernismo. O sentido da ação nesses itens está voltado para chamar a atenção da sociedade para as mudanças necessárias no Uruguai que viriam com a liderança política de José Batlle y Ordóñez e os rumos do *Partido Colorado* que segundo Rodó, precisava de renovação e de união. Diante dos intensos debates políticos no final do século XIX e início do século XX no Uruguai, as obras de Rodó são parte integrante desse quadro, ou seja, eles representam o próprio contexto na medida em que trabalharam em prol da consolidação de movimentos e governos.

De acordo com Souza (2006) o advento do século XX no Uruguai coincidiu com a introdução de José Batlle y Ordóñez no cenário político uruguaio. Batlle com o apoio dos políticos que simpatizavam com suas ideias reformistas, transformou o cenário político, ideológico e partidário do Uruguai. Após reorganizar o *Partido Colorado*, Batlle comandou o país de 1903 a 1907 e de 1911 a 1915, executando diversos projetos no campo político, social e cultural. Sua política de caráter reformista trouxe diversos benefícios aos uruguaios, como por exemplo, saneamento básico, aumento do número de escolas, universidade gratuita, legislação trabalhista, entre outros. No entanto, suas ações culminaram na unipersonalização do Poder Executivo e nas tentativas do *Partido Colorado* de manter-se no poder permanentemente excluindo o *Partido Nacional* da

[Digite texto]

participação no Governo. Com o passar do tempo as tentativas reformistas que caracterizaram o batllismo geraram inúmeras críticas veiculadas na imprensa da época tanto por parte dos *colorados* como dos *blancos*. José Enrique Rodó foi um dos personagens de destaque que expôs sistematicamente em diversos periódicos sua opinião sobre o Batlle e seus projetos. Por muito tempo Rodó admirou e defendeu publicamente o governo batllista. Porém, o teor radical que passou a caracterizar suas reformas ao longo do século XX fez com que Rodó e muitos outros políticos deixassem de apoiá-lo.

Rodó dedicou-se desde jovem ao *Partido Colorado*. Em 1898, ele publicou o artigo *La Juventud y el Partido Colorado* no qual expôs sua opinião sobre o partido e a situação política do período. Nesse artigo Rodó declarou que a juventude do *Partido Colorado* não tinha como ficar indiferente com as lutas e aspirações por sistemas e ideais de governo que estavam sendo travadas no cenário político do país. Em seu entendimento a situação política nesse período estava disposta, de um lado, pela representação dos interesses do povo e, de outro, pelas disciplinadas tropas da oligarquia que lutavam pela perpetuação de um regime que o país abominava e repudiava. Em seu discurso Rodó deixou claro que as pretensões da juventude colorada não envolviam utopias ou idealismos, mas os anseios do próprio país que necessitava da ordem e da confiança para sua prosperidade.

Da mesma forma, a ação proposta em *Ariel* (1900) voltava-se para o quadro de mudanças estéticas na literatura promovidas pela Geração do 900 uruguaia. Essa Geração constituiu-se por uma nova promoção de escritores uruguaios, na qual Rodó esteve inserido. Sua principal característica foi a preocupação com o destino nacional. No caso de Rodó, esta preocupação envolveu toda a América. A Geração do 900 não foi composta por um grupo homogêneo, porém a política foi um dos elementos de união do Grupo, pois de 1895 a 1905 o Uruguai esteve submerso em diversas revoltas que levaram os partidos tradicionais do país a conflitos armados. Muitos membros pronunciaram discursos e publicaram artigos na imprensa manifestando suas opiniões em relação à situação política e social instável em que o país se encontrava. Outro elemento comum aos integrantes do Grupo foi à linguagem, que apesar dos variados estilos e formas expõe a unidade de experiência vital literária com o Modernismo.

No que se refere aos modelos civilizacionais, a discussão gira em torno da tríade América Latina-Estados Unidos-Europa. Uma das principais questões levantadas a partir da análise das obras de Rodó diz respeito ao modelo civilizacional que deve ser mantido ou rejeitado em sua filosofia da história. O discurso de Rodó apresentou sua discussão da identidade latino-americana a partir dos modos de civilização, ou exteriores constitutivos. Desse modo, a tríade América Latina - Estados Unidos - Europa, vista em termos relacionais, forneceu as bases dos ideais selecionados que deveriam ser mantidos ou excluídos do projeto rodoniano de civilização.

A ação proposta em *Ariel* (1900) convoca os indivíduos para a necessidade de combate ao utilitarismo, ou seja, o “ser” latino-americano de Rodó partiu do princípio do que ele não deveria ser: um espelho dos EUA. A América Latina não deveria ser um povo que deixa para trás sua originalidade, que imita passivamente os valores que não servem para melhorar sua condição, que se apropria do espírito utilitário esquecendo os ideais do espírito, que adota como regime uma democracia degenerada.

Em seu discurso Rodó não repudiou os EUA em si e muito menos seu povo, mas sim um modelo específico de vida. Dessa forma, é possível dizer que a concepção utilitária está na base da identidade civilizacional que ele rejeita. Para Rodó, os EUA têm realizado sobre a América Hispânica uma série de conquistas morais, fascinando os povos com suas vitórias e imprimido em nossos dirigentes e nas multidões, uma crescente admiração pela sua força e grandiosidade. O espírito utilitário privilegia a conquista particular, a busca desenfreada pelo material. O utilitarismo não oferece a liberdade que o espírito universal necessita, pois torna os indivíduos cegos e presos somente ao que materialmente podem conquistar hoje.

Segundo Rodó, os latino-americanos transformaram essa admiração pelos EUA em imitação passiva, pois acreditaram no prestígio e superioridade dessa nação. Desse quadro tem-se uma América Latina deslatinizada que se reconfigura a partir da imagem e semelhança do arquétipo da América do Norte. Não se trata aqui de negar que os EUA pudessem servir de inspiração para as demais nações, mas sim que o seu modelo de civilização não seja utilizado para esmaecer os traços naturais dos povos latino-americanos. Entretanto, para Rodó a imitação não é um mal em si, o problema está na imitação desmedida.

A democracia implementada nos EUA, não estava regulada pela noção elevada das superioridades humanas. Por isso esse regime ficou marcado pelo privilégio do número em detrimento dos benefícios morais da liberdade e pela desconsideração da dignidade alheia. Para Rodó ([1900], 1957, p.235) os EUA potencializaram o utilitarismo: “el utilitarismo, vacío de todo contenido ideal, la vaguedad cosmopolita y la nivelación de la democracia bastarda, alcanzarán con él su último triunfo”.

Apesar das críticas, Rodó reconheceu que sem a conquista de certo grau de bem-estar material seria impossível implementar nas sociedades humanas o reino do espírito. Nas concepções rodonianas tem-se a certeza de que a História demonstra um estímulo recíproco entre os progressos da atividade utilitária e da ideal.

A flexibilidade do pensamento de Rodó quanto aos EUA pode ser verificada em *Ariel* (1900) que além das críticas, trouxe à tona as inúmeras qualidades dos norte-americanos, como por exemplo, a tradição do sentimento religioso, visto como a mais alta de todas as idealizações. Essa constitui um espiritualismo delicado e profundo que torna mais ameno o duro espírito utilitário. Outros elementos de destaque são seu entusiasmo, sua vocação para ação e sua vontade manifesta através da originalidade e audácia. Além disso, Rodó considerou que a grandiosidade dos EUA fazia surgir nas demais nações um sentimento de admiração, mesmo quando os desajustes de seu caráter e as violências de sua História eram lembrados. Esse fato levou Rodó a declarar que, embora não os ame os EUA, os admira, devido ao seu exemplo de trabalho e de vontade.

Em relação ao papel Europa na filosofia da História de Rodó há um profundo esforço de ação voltado para os exemplos tidos como benéficos e superiores que envolvem a sabedoria, a liberdade, o cristianismo e os valores da Grécia Clássica que deveriam ser absorvidos na constituição do “ser latino-americano”.

Em *Liberalismo y Jacobinismo* (1906) Rodó prosseguiu argumentando em prol da liberdade do ser humano através da associação da imagem de Cristo com os preceitos do liberalismo que para ele representava o sumo amor à liberdade. Nessa obra Rodó tratou da polêmica surgida a partir da expulsão dos crucifixos de um hospital. Para ele esse episódio foi injusto e encontrava-se atrelado ao jacobinismo devido ao seu caráter de intolerância e de abstração. Ao alinhar a intolerância ao jacobinismo, Rodó contrapôs esse sistema ao liberalismo, aproveitando para reforçar suas benesses como, por

[Digite texto]

exemplo, o amor à liberdade e a tolerância. Para Rodó os crucifixos deveriam permanecer no hospital e de acordo com a justiça liberal, seria aceitável proibir associações desse símbolo aos ritos religiosos ou venerações, mas não seria apropriado restringir a contemplação da imagem de Cristo, que foi o grande reformador moral da humanidade, a essência da civilização ocidental, o nosso educador e exemplo máximo da conduta correta. No pensamento rodoniano Cristo foi um grande homem e em todos os povos seria possível observar a construção de estátuas para homenagear aqueles que são considerados heróis. Sendo assim, os crucifixos podem ser entendidos como um exemplo da consagração à imagem de Cristo.

Pode-se verificar que a intolerância associada aos preceitos do jacobinismo, de maneira a ratificar que para o liberalismo a imagem de Cristo é aceitável e benéfica na medida em que representa os atributos nos quais os homens devem buscar inspiração para garantir sua liberdade. É nesse sentido que no discurso rodoniano o liberalismo com sua ideia de coletividade foi reforçado como elemento de sustentação para a filosofia da história de Rodó cuja ênfase está no caráter universal e na liberdade.

Rodó interpretou o personagem Jesus como a personificação de uma grande tradição humana europeia que representa um elevado conceito de liberdade. Dessa forma, Cristo pode ser entendido como o grande referencial da filosofia da História rodoniana e em termos hegelianos, um homem histórico cujos objetivos apresentam a universalidade. É nesse sentido que no pensamento rodoniano, o espírito cristão e a herança das civilizações clássicas revestidos pela liberdade, constituem os elementos que podem regenerar a democracia.

Dessa forma, considerando que no discurso rodoniano a Europa remete ao passado, sua defesa pela permanência dos valores do período Clássico e daqueles construídos com o Cristianismo revelam o caráter de linearidade e progressão na filosofia da História de Rodó. Nesse sentido o futuro não representa uma volta ao passado, mas sim a permanência de alguns elementos do passado que são mantidos para formar as bases ideais para a consolidação de uma civilização mais evoluída no futuro. É nesse sentido que se pode atribuir uma permanência associado à Europa (ou passado) na narrativa de Rodó, mas ao invés de continuidade congelada, ela toma forma de arquétipos que direcionam a progressão da sociedade.

Para alcançar a liberdade defendida no projeto rodoniano, é necessário passar por revoluções morais, que ocorrem não pela cultura, mas pela educação. Essas revoluções não se limitam somente a propagar uma ideia, sua condição essencial exige que elas suscitem paixão, fé e entusiasmo.

Rodó insiste que a América Latina deve aprender com os valores e sabedoria da Europa. Ela nos mostrará o caminho do Bem, permitindo-nos elevar nosso *status* de civilização. No pensamento rodoniano Cristo foi um dos mais importantes heróis da nossa civilização. Em *Liberalismo y Jacobinismo* (1906) essa concepção ficou evidente na medida em que Rodó defendeu que é preciso valorizar a missão histórica e a originalidade das grandes personalidades que possuíram o caráter de iniciadores e reformadores e que personificaram, em determinados momentos, os impulsos de inovação na sociedade. Dessa forma, mesmo levando em conta a limitação do alcance da vontade e do pensamento pessoal, não se pode negar a um nome particular a glória de uma iniciativa ou de uma revelação nem o mérito de uma reforma. É nesse sentido que atribuir a Jesus a criação da moral caridosa, não implica deixar de lado as forças históricas que moldaram a personalidade humana e que produziram os movimentos morais e sociais, mas sim, reconhecer a influência de Cristo dentro da própria consciência e da ação pessoal dos homens.

O caráter universal também pode ser encontrado em Jesus, pois para Rodó ele foi o primeiro a pensar em uma obra para a humanidade e não somente nos limites nacionais. Segundo Rodó, a caridade surgiu na Antiguidade com os profetas, mas a obra destes era direcionada apenas para o seu povo e sua pátria enquanto que a partir de Cristo, a direção foi alterada de modo a contemplar toda humanidade. Em outras palavras, o espírito de caridade de Jesus assumiu um caráter universal e sobressaiu-se aos seus predecessores. Dessa forma, pode-se constatar que a liberdade para Rodó está atrelada tanto ao domínio dos indivíduos de suas aptidões como ao liberalismo e à imagem de Cristo.

Além da Europa como emissora do Bem maior, em Rodó a juventude seria a grande força motriz que leva a sociedade às mudanças e ao progresso. Dotada da paixão que leva à ação, ela seria a geração humana que marcha para o futuro, que renova as esperanças. Porém, no discurso rodoniano, a América Latina, assim como os jovens, ainda não teria atingido sua maturidade. Ambos deveriam aprender com os mais velhos,

[Digite texto]

com os seus mestres, tal como os jovens alunos em *Ariel* (1900) escutaram as lições do mestre Próspero. Aprendendo com a Europa os rumos morais que deveriam apropriar para elevar-se, incorporando em seu interior o espírito de Ariel, a América Latina poderia utilizar sua força para transformar-se, para concretizar suas aspirações superiores. Eis, segundo Rodó, a tarefa da juventude:

Es así como, no bien la eficacia de un ideal ha muerto, la humanidad viste otra vez sus galas nupciales para esperar la realidad del ideal soñado con nueva fe, con tenaz y conmovedora locura. Provocar esa renovación, inalterable con un ritmo de la Naturaleza, es en todos los tiempos la función y la obra de la juventud. (RODÓ, [1900], 1957, p.204).

Próspero pediu aos seus alunos para não esquecerem da força que trazem dentro de si e salientou que a dispersão em consciências pessoais não trará nada de benéfico para a vida das sociedades humanas.

Como anteriormente mencionado, os heróis assumem a função de agentes da proposição universal e destroem o presente insatisfatório. É nesse sentido que na obra rodoniana, Próspero questionou seus alunos quanto à concretização de suas esperanças no novo século:

¿Madurara en la realidad esa esperanza? Vosotros, los que vais a pasar, como el obrero en marcha a los talleres que le esperan, bajo el pórtico del nuevo siglo, ¿reflejaréis quizá sobre el arte que os estudie imágenes mas luminosas y triunfales que las que han quedado de nosotros? Si los tiempos divinos en que las almas jóvenes daban modelos para los dialoguistas radiantes de Platón sólo fueron posibles en una breve primavera del mundo; si es fuerza «no pensar en los dioses», como aconseja la Forquias del segundo «Fausto» al coro de cautivas, ¿no nos será lícito, a lo menos, soñar con la aparición de generaciones humanas que devuelvan a la vida un sentido ideal, un grande entusiasmo; en las que sea un poder el sentimiento; en las que una vigorosa resurrección de las energías de la voluntad ahuyente, con heroico clamor, del fondo de las almas, todas las cobardías morales que se nutren a los pechos de la decepción y de la duda? ¿Será de nuevo la juventud una realidad de la vida colectiva, como lo es de la vida individual? (RODÓ, [1900], 1957, p.206).

Próspero em seu discurso final proferiu aos seus alunos que desejava ver neles a personificação da juventude, pois assim eles não teriam dúvida de que estão destinados a guiar os demais nas lutas em favor da causa do espírito. A perseverança nessa luta deve identificar-se no interior de cada um com a certeza do triunfo. Diante desse [Digite texto]



quadro, o professor Próspero apresentou uma concepção otimista do dever, visto que para ele, nem a dúvida nem a tristeza representavam na alma dos jovens, um estado permanente ou mesmo uma desconfiança em relação à eterna virtude da vida.

### **Considerações finais**

Pode-se notar que *Ariel* (1900) apresenta as bases de todo pensamento de Rodó, pois as ideias lançadas nessa obra estão contidas também em seus escritos posteriores, ainda que enquanto pano de fundo discursivo. *Ariel* foi um chamado à ação, mostrando o que deveria ser corrigido e os rumos adequados que os latino-americanos deveriam seguir a fim de consolidar sua identidade e possibilitar o progresso da América Latina. O arielismo foi apropriado por inúmeros movimentos que necessitavam de uma voz forte que motivasse os indivíduos a promoverem as mudanças ou mesmo a resistirem frente a crescente intervenção imperialista dos Estados Unidos nas demais nações latino-americanas.

### **Fontes**

RODÓ, José Enrique. *Ariel*. In: - José Enrique Rodó – Obras Completas. (1900) Ed. Aguilar: Madrid, 1957, p.189-244.

\_\_\_\_\_. *Liberalismo y Jacobinismo. La expulsión de los crucifijos*. In: - José Enrique Rodó – Obras Completas. (1906) Ed. Aguilar: Madrid, 1957, p.247-291.

\_\_\_\_\_. *Motivos de Proteo*. In: - José Enrique Rodó – Obras Completas. (1909) Ed. Aguilar: Madrid, 1957, p.295-480.

\_\_\_\_\_. *La Juventud y el Partido Colorado*. (1898). In: Escritos Políticos. - José Enrique Rodó – Obras Completas. Ed. Aguilar: Madrid, 1957, p.1004-1007.

### **Referências bibliográficas**

MILL, John Stuart. *Ensaio sobre a liberdade*. (1859) – Tradução de Rita de Cássia Gondim Neiva. Ed. Escala: São Paulo, 2006. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal 44.

\_\_\_\_\_. *Utilitarismo*. (1861) – Tradução de Rita de Cássia Gondim Neiva. Editora Escala: São Paulo, 2007. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal 70.

LACAPRA, Dominick. História intelectual. In: PALTÍ, José Elías. *Giro Lingüístico e História intelectual*". 1ª Ed. reimp. Bernal: República Argentina, Universidade Nacional de Quilmes Editorial, 2012, p. 237-294.

SOUZA, Marcos Alves de. *Ideologia e política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917)*, 2006. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual Paulista - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Franca, 2006.

SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. (1611-13) - Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2ª Reimpressão. São Paulo: Ed. Martin Claret Ltda, 2011.

VALDÉS, Eduardo Devés. *El Pensamiento Latinoamericano en el Siglo XX. Entre la modernización y la identidad. Del Ariel de Rodó a la Cepal (1900-1950)*. Tomo I. Ed: Biblos: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana. Santiago: Buenos Aires, 2000.

\_\_\_\_\_. *Redes intelectuales en América Latina. Hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Ed: Instituto de Estudios Avanzados, Universidad de Santiago de Chile, Santiago, Chile, 2007.